

A mulher fazendo teologia

Maristela Ferreira Silva Velozo¹

Resumo

Refletir sobre a mulher na teologia ou que faz teologia não é tarefa fácil, pois tem como grande novidade explicar o fazer teológico na ótica e na realidade da mulher. A Teologia, ainda que considerando a significativa evolução por que passou, ao longo dos séculos, continua com formulações teológicas marcadamente machistas e patriarcalistas. A libertação feminina pela teologia é processo histórico lento, que só ocorrerá totalmente, na sociedade atual, se, ao mesmo tempo, acontecer a libertação masculina. Ambos, mulher e homem, comprometidos com a renovação de mentalidade e de ações para o novo jeito de ser mulher e de ser homem, vão estimular a revisão das bases de sustentação das teologias. Pelos desafios e pelas conquistas marcadas pela fé que a mulher enfrenta no seu viver cotidiano, estão a complexidade, a diversidade e o mistério da sua feminilidade e da sua identidade, não mais de opressão, nem de submissão.

Palavras chave: mulher, teologia, libertação e submissão.

Abstract

Reflecting about women in Theology or who do Theology is not an easy task, because there is a new point in this aspect, which is to explain the act of working on Theology through the women's vision and reality. It is considerable that Theology has been evolving in a significant way through the centuries, and its theological formulations are still markedly macho and patriarchal. The female liberty by Theology is a historical

¹ Graduada em FILOSOFIA pela Universidade Católica de Pernambuco (1997), em TEOLOGIA pela Universidade Católica de Pernambuco (1992) e mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (2007). Professora/orientadora pastoral - Liceu de Artes e Ofícios/Unicap, atuando principalmente nos seguintes temas: identidade e pluralismo religioso, cristianismo e modernidade, adolescentes e jovens, mudança de igreja e mecanismos psicossociais e religiosos.

and slow process, which only will occur totally in the current society if the male liberty happens at the same time. Both women and men are compromised with a mentality and behavior renovation, in order to firm new parameters of how to be a man and how to be a woman, and then to stimulate a review about the support bases of all Theologies. On reflecting about all the women's conquests marked by faith and the challenges faced in their daily life, we can realize all the complexity, the diversity and the mystery of their femininity and identity, and, besides, to perceive that all these aspects are not related to oppression and submission anymore.

Key-words: Woman, Theology, Liberty, Submission

Refletir o assunto “A mulher fazendo Teologia” sem a pretensão, ainda que pareça sê-la, de excluir o homem nesse fazer teológico é, entre tantas outras reflexões, buscar novos conhecimentos, bem como tentar esclarecer dúvidas.

Falar sobre esse “fazer da mulher” não é simplesmente restringi-lo ao fazer teológico, é abrir “um leque” para o seu fazer rotineiro, que ainda continua no lavar, no passar, no arrumar a casa e as coisas, no cozinhar, no cuidar dos pais, dos maridos, dos filhos e ainda encontrar tempo para sair e trabalhar além dos afazeres domésticos para o complemento financeiro familiar ou como o único meio de sobrevivência.

É também pensar na mulher que é “filha” de mulher e que tem possibilidades de como mãe, biológica ou adotiva, gerar mulheres que se responsabilizem pela busca do valor feminino. Ao gerar ou gestar um ser humano, a mulher, na maioria das vezes, enfrenta desafios incalculáveis para manter os vínculos afetivos e familiares, tão necessários ao nascimento, à vida. Reconhecidamente, no ser mulher, estão intrínsecos a sensibilidade, a ternura, a doação, o envolvimento. E com a preservação desse senso humanitário, a feminilidade é valorizada e inicia-se um processo de autorreconstrução.

É imprescindível lembrar da mulher que é ofuscada pelos homens, seja na profissão, no pensamento ou nas ideias em que, muitas vezes, lhes roubam o direito de autoria do pensar e do agir. Ainda é uma minoria entre a sociedade masculina dar-se “vez e voz” às mulheres. Geralmente são necessários “tapas e beijos” para que elas possam

assumir sua condição feminina. Muitas são as mulheres que ainda se entregam aos caprichos dos homens para obterem posição de destaque.

Involuntariamente, muitas vezes, algumas mulheres nem percebem que são vítimas das “brigas de poder”, das “chantagens emocionais” ou de “atitudes falsas de defesas”, nos direitos femininos ou feministas. A autonomia de ser mulher nunca deveria ser pertença de ninguém, muito menos do homem.

É na liberdade e na responsabilidade que essa autonomia vai sendo construída no ser mulher e no ser homem para a essencialidade das relações sobre as questões de ser gente. Testemunhar respeito e gratidão é uma das formas éticas da competência que deve permear o ser humano para com ele e para além dele. Há uma emergência na mudança de pensamento da sociedade para que a mulher visualize, no seu fazer teológico, a captação dos “vieses” iniciantes para essa transformação.

Enquanto a mulher não ocupar o lugar a que tem direito numa sociedade imaginada pelo homem e para o homem, o conflito entre ambos será difícil de acabar. Ao obterem maiores conhecimentos e ao se tornarem mais verdadeiras, as pessoas amadurecem e são capazes de um melhor entendimento sobre o viver humano, e as mulheres podem-se tornar mais femininas.

Ao se buscarem novos conhecimentos sobre o fazer teológico da mulher, quer-se pensar nessa como a que continua submetendo-se ao poder do homem numa esfera social que culturalmente foi estabelecida.

Apesar das mudanças que estão ocorrendo para se pensar sobre o significado de ser mulher ou de ser homem cotidianamente, esclarecer dúvidas sobre conceitos inovadores a esse respeito é imprescindível para a identificação em responder ao que é ser humano, ao longo de tantos séculos.

Numa perspectiva espiritual, citar-se-ia Boff, que, sobre o ser humano, vai dizer:

O ser humano existe para permitir a Deus uma realização única. Com frequência temos asseverado que o ser humano revela uma abertura para o infinito. Essa abertura se ordena a receber o próprio

Infinito dentro de si. É como a taça cristalina. Só realiza sua meta quando acolhe o vinho precioso. Deus criou o ser humano com uma sede infinita para poder autocomunicar-se com ele e saciá-lo plenamente. Mais ainda. “Deus sai de si totalmente e se entrega absolutamente ao diferente. Quando Deus resolveu sair de si mesmo e ir ao encontro de alguém que o acolhesse totalmente, surgiu então o ser humano. O ser humano é o reverso de Deus. Permitir essa realização divina – a total autocomunicação de si ao outro – é a suprema missão do ser humano, homem e mulher... (BOFF, 1988, p. 141-142).

Vê-se, assim, o quanto Deus é humano e o quanto o homem está em Deus. Ser mulher ou ser homem é ser acima de tudo humano. Nessa perspectiva, existe a possibilidade da igualdade apesar das diferenças em ser mulher ou ser homem. Sobre isso, diz ainda Boff:

A espécie humana sempre se manifesta sob uma diferença, na forma de homem e de mulher; na visão judeu-cristã, sob o nome de Adão e Eva. Biologicamente são quase iguais: ambos possuem no núcleo celular 23 pares de cromossomos. Um dos 23 pares, o responsável pela determinação do sexo, é formado, na mulher, por 2 cromossomos X (XX), enquanto no homem é formado por um X e um Y (XY). Sobre essa pequeníssima diferença se constroem as demais que se dão no nível hormonal, psicológico e cultural... Feminino e masculino são da ordem do ser. Estão presentes em cada ser humano, homem e mulher. Não são coisas (ter) mais princípios e dimensões (ser) do mesmo e único ser humano. Quer dizer: no homem existe a dimensão masculina e feminina; na mulher existe a dimensão feminina e masculina. Na mulher, o feminino se adensa mais que o masculino, por isso a mulher é mulher e não homem. No homem, o masculino se adensa mais que o feminino, por isso o homem é homem e não mulher. Os psicólogos falam que o animus (masculinidade) e

a alma (feminilidade) são determinações de cada ser humano (BOFF, 1998, p. 143).

O conceito que encobre a “feminilidade” e a “masculinidade”, principalmente no que se refere à Teologia, é tema ainda bastante complexo e, por que não dizer, uma questão crucial de gênero quanto ao mito da desigualdade do próprio fazer teológico.

Mas, o que é mesmo Teologia?

- É algo que trata dos deuses ou de Deus?
- É pesquisa sobre as coisas divinas?
- Ou seria a ciência da divindade, do conhecimento, da razão, ou ainda o discurso sobre a divindade?

Sem a mínima intenção de querer responder ou interpretar a tantas perguntas levantadas, busca-se, neste breve texto sobre o assunto, fazer abordagens oferecendo elementos básicos aos leitores e às leitoras, incitando-os a darem suas próprias respostas às questões com as quais eles convivem.

Contribuir para que cada pessoa – mulher e homem – conquiste posições importantes na construção de novos caminhos para uma mudança de mentalidade é, com certeza, também, permitir que a vida de certas mulheres seja fonte de lucidez e de realização com a Teologia.

É pela Teologia que se pode especificar a religião ou as religiões que ainda continuam, embora num percentual bem menor, a responderem a busca pela transcendência, ao apelo às divindades e às respostas para novas maneiras de sobrevivência. A religião, historicamente, ainda tem-se afirmado na história humana. O sagrado e o profano cada vez mais estão misturados nos espaços sociais e a diversidade religiosa é cada vez mais ostensiva. Estão emergindo novos conceitos e o compromisso religioso na sociedade conta agora com outros elementos para o significado do que é Religião e “deixa assim de ser o conhecimento fundador da visão de mundo, dos comportamentos e da ética”. Uma das construções culturais mais complexas e intrigantes que existe é a Religião em sua imensa diversidade de ritos, doutrinas, tradições e místicas. Boff afirma:

Podemos emitir a opinião que quisermos sobre religião, seguir ou não uma prática religiosa. O que não podemos é desconhecer a persistência e o significado do fenômeno religioso universal. Ele resistiu a todas as críticas, a todas as perseguições e ao intento de sua aniquilação, que não faltaram ao longo dos séculos. Por que esta força invencível da religião? Porque a religião se remete a um dado anterior a ela, de fundamental significação: a espiritualidade. A espiritualidade significa o encontro vivo com a suprema realidade. Trata-se de uma experiência de choque. Ela muda o estado de consciência do ser humano. Redefine sua identidade e o significado de sua vida e de sua morte. Esta experiência se expressa culturalmente. A religião é sua tradução nos códigos pessoais e culturais. Pela religião o ser humano dá e deu uma resposta à questão sempre presente em sua agenda: quem vai realizar meu desejo infinito? Que nome dar ao norte para onde aponta sempre a agulha da bússola? Encontrou uma palavra de reverência: Deus, Tao, Brahma, Javé, Olorum, Quetzalcoatl, Pai – Filho – Espírito Santo (BOFF, 1998, p. 153-154).

A Teologia sobrepondo-se a religião, que quer transcender o mundo, tem como uma das finalidades iluminar o destino da mulher e do homem e apresentá-lhes o seu verdadeiro lugar no mundo, orientando-os ao discernimento.

Falar em Teologia não é tarefa fácil. Os desafios e os impasses da pós-modernidade para com os estudos da Teologia abrem perspectivas para questionamentos tanto do passado quanto do presente no que concerne ao mundo religioso, às tradições e às origens.

Na sua reflexão crítica sobre o conceito de Teologia, Giuseppe Staccone assim o diz:

A Teologia tem como objetivo a inteligência da fé, e portanto, está enraizada na experiência da fé... É uma atividade permanente e mutante... Está ligada ao contexto social e cultural da comunidade cristã

que a produz... Reflexão crítica sobre a práxis...
Pensada e elaborada a partir da irrupção dos pobres...
Recupera a centralidade da Relação Deus-pobre...
(STACCONE, 1984, p. 63).

Percebe-se uma vasta definição conceitual sobre a Teologia, pensada a partir das concepções de outros estudiosos que incitaram a Teologia cristã a apresentar a humanização de Deus em Jesus. O Deus que se revela é o mesmo que se torna revelado por nós. É aquele que constantemente interpela – mulheres e homens – ao serviço e à missão de Deus no mundo.

É justamente esse serviço e essa missão que levam a mulher para “o fazer Teologia”, no qual sua libertação é processo histórico lento e em andamento.

Ao se falar em “serviço”, é inadmissível ainda se pensar na “mulher serviçal”, aquela que se submete às ousadias e às agressividades masculinas, uma mulher que continua a ser representada na passividade que lhe é imposta desde o nascimento. Não se admite mais “essa” mulher como um ser de instrumento de manipulação.

O verdadeiro papel da missão da mulher no mundo precisa ser redescoberto a partir da revisão histórica do ser humano. Vivemos num mundo de transição, de mudanças; resta-nos, portanto, descobrir que valores solidamente foram estabelecidos, também, pela religião, e que dificultam a superação desse atraso histórico libertador? Quais os mecanismos que ainda hoje fazem continuar a resistência paralisante de estruturas arcaicas para o mundo feminino?

Ao revisar historicamente o ser humano numa dimensão teológica, quer-se inseri-lo nas mudanças para o desenvolvimento integral da vida. O ser humano como resultado do processo da história do universo não pode autoanalisar-se solitariamente. Toda vida cósmica, planetária e biológica o recebeu e o envolveu passo a passo. Ao viver uma longa história, ele emerge da vida e autodetermina-se capaz de ser responsável e de ter responsabilidade junto com os outros. O modo de ser singular da mulher e do homem, na sua essência, é livre, e é por isso que se busca sempre essa liberdade.

Para que a pessoa humana se engaje na luta pela libertação, é preciso, antes de tudo, que ela própria seja uma pessoa livre, corajosa,

alegre e em paz. Com a profunda libertação interior, nasce a primeira condição de se lutar pela libertação das outras pessoas. Libertar-se num sentido concreto e definido é sair de todas as situações que limitam e escravizam com estruturas injustas e sistemas degradantes.

Com as estruturas históricas que promovem os vários tipos de denominação característicos ainda das sociedades ditas modernas, encontramos o patriarcalismo, o capitalismo e o racismo evidenciando o poder do machismo em todas as camadas da população. Entre os submissos desse poder, estão as mulheres, que, desde suas raízes, lutam por existência própria; têm dificuldade de caminhar com as próprias pernas e revoltam-se com a diferença de possibilidades e regalias encontradas constantemente abertas ao homem e não à mulher.

O desafio lançado para a mulher é assumir a responsabilidade de ser uma mulher franca, meiga e corajosa. Não é por causa de um processo histórico que a fez calar, que ela não deva ter a coragem, agora, de dizer o que pensa e lutar por sua liberdade, mesmo sabendo-se presa. A história é feita por momentos iguais e diferentes, na qual os ajustes às novas situações ajudam as pessoas a crescerem e evoluírem. Pensar como mulher e lutar pelo seu pensamento na história é ter a certeza que as mulheres sempre foram partícipes dessa história. Sobre o assunto, diz Gebara:

Falamos na irrupção da história na vida das mulheres e de maneira particular na expressão teológica de sua fé nesses últimos vinte anos, não para expressar a entrada das mulheres na história, onde sempre estiveram presentes. Trata-se de algo qualitativamente novo e diferente. É na verdade, a irrupção da consciência histórica na vida de milhares e milhares de mulheres, levando-as à luta libertária por meio de uma ativa participação em diferentes frentes das quais estavam ausentes. É como se o vento forte começasse a soprar e a abrir olhos aqui e acolá, a modificar posturas, a abrir os braços para novos abraços e as mãos para carregar outros instrumentos, a impulsionar os pés para outros passos, a erguer a voz para fazer ouvir seu canto e seu lamento. A mulher começa a enxergar-se como sujeito

da história, mesmo que esta expressão nem sempre seja por ela utilizada. O fato é que, por sua atividade e por sua diferente postura, diante dos acontecimentos da vida, se evidencia o nascimento de uma nova consciência. A participação em sindicatos, em movimentos de bairros, em grupos de mães, em coordenações pastorais atesta uma mudança da consciência e do papel exercido hoje pelas mulheres. A entrada na história é, pois, uma entrada em sentido mais amplo, uma entrada na consciência da história, da qual as mulheres são também artífices e querem sê-lo cada vez mais (GEBARA, 1994, 17-18).

Várias são as áreas do saber nas quais os estudos e as pesquisas sobre a mulher e sua libertação têm avançado. Apesar do processo ainda ser lento, a grande motivação se deu com a década da mulher, a partir de 1975.

Pensar no serviço e na missão que a mulher precisa assumir no mundo de hoje é reconhecer um Deus feminino que não admite velhos condicionamentos históricos que se cristalizam nas relações de poder, de submissão e de opressão.

Mulher e homem, apesar das diferenças de corpos, precisam buscar na complementaridade – mulher/homem – a plenitude da expressão do Deus Amor que interage para a vida e vida em abundância.

A narrativa bíblica da Criação apresenta os dois, mulher e homem, como verdade profunda do Criador. Cabe a todas e a todos compreender e realizar uma convivência igualitária de justiça pela vida, na qual o equilíbrio perpassa essa questão de gênero. Mas, o que dizer exatamente sobre o termo gênero? A teóloga Ivone Gebara nos diz:

As análises do gênero aparecem no feminismo dos anos 80, como meio de avaliar a diferença entre os sexos e denunciar o uso de certos poderes a partir da afirmação da diferença [...] O conceito de gênero se tornou, em particular nas ciências humanas, não apenas um instrumento de análise, mas um instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na

justiça e na igualdade, a partir do respeito pela diferença (GEBARA, 2000, p. 104-105).

Percebe-se a grande necessidade de um entendimento harmonioso sobre o ser mulher e o ser homem, bem como uma profunda reflexão sobre o fazer dessa mulher e desse homem na Teologia.

Falar sobre a mulher na Teologia ou que faz Teologia é rever toda uma história dos patriarcas e matriarcas à luz do Cristianismo e resgatar o ser humano como o ápice da Criação. Qual seria então o significado da Teologia para mulheres e homens?

- Buscar a transcendência?
 - Denunciar a desumanização?
 - Construir novas estratégias para o sentido da vida?
- Para que a Teologia existe?

O Catecismo Católico, sobre o crescimento na compreensão da fé, assim se expressa:

Pela contemplação e estudo dos que creem, os quais meditam em seu coração, é em especial a pesquisa teológica, que aprofunda o conhecimento da verdade revelada (CIC, 2000, p. 37).

Tem-se, portanto, no existir da Teologia, a exigência da presença da dimensão do conhecimento adequado teológico, sem no entanto deixar de lado a aliança a um pensamento rigoroso e crítico no compromisso pela formação de um novo tipo de pessoa e de sociedade. Dá-se, nesse contexto, sobretudo, a oportunidade do ser plenamente humano, promover o seu próprio desenvolvimento e o das outras pessoas.

Essa sim é a Teologia que liberta e provoca a libertação. Aquela que não só realiza o bem próprio, mas, acima de tudo, o bem da comunidade humana como um todo.

Seria este um pensamento ideológico, utópico ou quem sabe, futurológico? Ou seria um pensamento totalmente realista e transversal no qual pairam os que estão conscientes do poder da liberdade com a Teologia?

Certamente, no cenário histórico da América Latina, a Teologia tem sido pensada e elaborada como uma contribuição para a responsabilidade e o compromisso em discutir o assunto “LIBERTAÇÃO” a partir das classes exploradas.

De Puebla e Medellin, escutou-se o clamor do povo que reclamou justiça, liberdade e respeito. E entre esses reclamos, encontra-se, até hoje, a mulher que não aceita mais a concepção hierárquica patriarcal do mundo e que exige um “BASTA!”. Sobre este assunto, diz Gebara:

A figura masculina como princípio organizativo e controlador da sociedade precisa ser pouco a pouco ultrapassada para compreendermos o humano e todas as outras expressões de vida de outro jeito. Esse esforço tem sido a bandeira de luta de muitas mulheres participantes de movimentos feministas... (GEBARA, 1994, p. 17).

O aprofundamento sobre a grandeza desse desafio ao lado e em unidade com essas mulheres é a real consciência do sentido maior de “Libertação” e de “Teologia”.

É no contexto dos gritos das classes excluídas que acontecem as transformações, nas quais a Teologia não pode ficar de fora. Sobre libertação, assim se expressa Boff:

A opção pelos pobres e contra a pobreza constitui a marca registrada da teologia da libertação. Essa opção que muitas Igrejas cristãs fizeram em meados do século XX implicou uma mudança de lugar social. Isso significa que se começou a olhar os pobres a partir da situação social dos pobres e não dos ricos. Essa mudança de leitura trouxe grandes transformações. Antes de mais nada, esse novo olhar nos fez descobrir a cultura deles, sua maneira simples de ser, sua forma de rezar, de celebrar, de encontrar-se com Deus e de relacionar-se com os demais. Para aqueles que tiveram coragem de fazer essa mudança de lugar social – religiosos, religiosas, padres e bispos

–, isso representou uma verdadeira conversão no sentido do evangelho, uma mudança no estilo de vida, na forma de relacionar-se com os pobres e de encarar os bens materiais de modo mais despojado e solidário. Muitos bispos deixaram os palácios episcopais e foram morar em casas simples. Muitos padres, religiosos e religiosas se inseriram nas periferias e nas favelas e foram participar da vida dos empobrecidos. Muitos teólogos começaram a ter um pé na miséria e outro na faculdade e tentaram articular evangelho e miséria, de onde nasceu a idéia de libertação e a teologia da libertação. Mais do que tudo, essa mudança de lugar social significou um encontro profundo e verdadeiro com o Jesus histórico, que foi pobre e não tinha onde repousar a cabeça. Representou também uma comunhão mais íntima e profunda com o Deus da ternura dos humildes e o Deus do direito dos injustiçados, mensagem central dos profetas (BOFF, 2006, 69-70).

Fazer ou viver a Teologia da Libertação é descobrir os mecanismos, por mais sutis que eles sejam, utilizados no cotidiano da pessoa humana, que, no seu conjunto, acabam obstaculizando o desempenho da mulher nos níveis mais elevados do sistema de realização e libertação.

A mulher, para bem desempenhar seu papel e realizar-se de forma libertária com a teologia, necessita ouvir mais as mulheres e insistir que elas pensem mais e falem mais alto em todo ambiente social, inclusive nas Igrejas, onde, por séculos, proibiu-se o seu direito de pensar e de falar. As exceções, como Tereza d'Ávila, Catarina de Sena e algumas santas pensadoras, permaneceram exceções. Joana d'Arc foi queimada... Para que o espaço a ser conquistado, nas Igrejas e nas Religiões, a mulher deve questionar, reclamar e argumentar para que os homens, que atualmente as dirigem, sintam-se obrigados a repensarem seus conceitos e suas linguagens com relação à mulher. Consciente do seu papel feminino e encontrando o equilíbrio do papel masculino, a mulher pode caminhar com uma sociedade mais humana e mais justa, vivenciando uma mudança na fisionomia das coisas e das

pessoas pela libertação.

Libertação, para nós mulheres, é o direito à justiça e à dignidade. Sobre o assunto, o documento de Aparecida assim se expressa:

A antropologia cristã ressalta a igual identidade entre homem e mulher em razão de terem sido criados à imagem e semelhança de Deus. O mistério da trindade nos convida a viver uma comunidade de iguais na diferença. Em época de marcado machismo, a prática de Jesus foi decisiva para significar a dignidade da mulher e de seu valor indiscutível: falou com elas (cf Jo 4, 27), teve singular misericórdia com as pecadoras (cf Lc 7, 36-50; Jo 8, 11), curou-as (cf Mc 5, 25-34), reivindicou a dignidade delas (cf Jo 8, 1-11), escolheu-as como primeiras testemunhas de sua ressurreição (cf Mt 28, 9-10) e incorporou mulheres ao grupo de pessoas que lhe eram mais próximas (cf Lc 8, 1-3). A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja. O canto do Magnificat mostra Maria como mulher capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz profética (D.A., 2007, p. 202-203).

A presença da mulher e a sua significatividade em Maria traz à tona a situação da mulher e sua condição feminina sujeita a todas as proibições, humilhações e todo tipo de submissão e autoritarismo. Com um patriarcalismo autoritário, a mulher não só não era igual ao homem, como estava sujeita ao rigor das legislações civil e penal. A exclusão explícita direcionada às mulheres passa por um novo olhar com a prática cotidiana de Jesus, que inclui as mulheres para que possam agir como pessoas livres e responsáveis, decididas a assumirem a luta por uma nova comunidade cristã.

O Vaticano II apresenta Maria no centro da história da salvação, uma ação de Deus em favor da humanidade. Essa ação está expressa no mistério da redenção vivida por Jesus Cristo. Maria

permanece participante desse mistério com sua história e dimensão pessoal de mãe e filha de Deus. É ela a mulher colaboradora do projeto de Deus para com a humanidade de mulheres e homens. Sua fé experiencia momentos fortes e significativos do caráter humano. Com Maria está a presença marcante e resposta edificante na anunciação, nas Bodas de Caná e ao pé da cruz. Teologicamente, essa mulher e tantas outras protagonistas transmissoras da fé merecem inclusão respeitável na história do mundo.

É intolerável, em pleno novo milênio, a ousadia de muitas pessoas que não admitem, nem aceitam no ser mulher, o jeito amoroso do amor de Deus. Também não dá mais para aceitar, nesse mundo pós-moderno, algumas posturas que denotam a submissão e o sentimento de inferioridade da mulher em relação ao homem. Via de regra, os homens ainda continuam com um pronunciamento desenvolto e seguro, às vezes até com pinceladas de “zombarias”, sobre a condição feminina. Por outro lado, as mulheres ainda continuam com receios de expor suas ideias, seus sentimentos e seu próprio conhecimento sobre a vida. Apesar de a mulher já estar atuando significativamente no mundo do público, ainda lhe falta a certeza de sua identidade feminina e a sua segurança no ser mulher e atuar como tal. É imprescindível, portanto, dar visibilidade à atuação, ao saber, à fala e ao olhar feminino, que resgatem e divulgam a participação das mulheres na formação e no desenvolvimento humano.

Com a mulher fazendo Teologia, espera-se que seja adquirida maturidade suficiente para uma vida renovada, não mais como instrumentos de manipulação aos projetos dominadores e machistas, mas sim que liberte e impulsione ações que conduzam à implementação do novo jeito de ser mulher e de ser homem agindo no mundo. A renovação de mentalidade e de ações, pelos estudos vivenciados, é o resultado da busca para adaptar e modificar princípios básicos para o valor à vida, fomentando uma abertura aos trabalhos missionário e apostólico na ótica da mulher.

Cabe aqui uma reflexão sobre o que é esse trabalho missionário e apostólico na ótica da mulher e como desempenhá-lo atualmente num mundo tecnológico, globalizado e produtor de consumismo. Vivemos um tempo de crises; as antigas referências para

se viver a fraternidade e solidariedade vacilam e buscam constantemente resgatarem, nesse cenário pós-moderno, as suas antigas posições; é o caso da família, da Igreja, da religião, da educação, etc.

Com o fazer teológico da mulher, desperta-se para essa mulher que está vivendo esse mundo e nesse mundo, e aqui no Brasil, destaca-se em várias atividades, como resgate e divulgação da participação das mulheres na formação e no desenvolvimento deste país. “Recuperar a trajetória das brasileiras que, como muitas outras mundo afora, ainda estão escondidas atrás dos panos, é conhecer através do Dicionário Mulheres do Brasil, fruto do Projeto Mulher – 500 anos atrás dos panos”, verbetes biográficos e temáticos relativos às mulheres que foram primordiais nos seus jeitos de inventar jeitos de fazer história. Sobre o assunto, Schumacher diz:

Constatamos, enfim, que a história das mulheres é uma história recente e que se ressentem de um passado mal contado. Além disso, permaneceu um sabor de itinerário inacabado que só reforçou a nossa convicção de que cultivar a memória das mulheres é sobretudo fazer justiça. Afinal, não se pode esquecer ou banalizar o esforço individual e coletivo de milhares e milhares de brasileiras que inconformadas com sua condição, se rebelaram contra a situação estabelecida: foram índias contra a violência dos colonizadores, negras contra a escravidão, brancas contra os valores patriarcais vigentes, todas lutando pela transformação de regras impostas ao feminino. Em um contexto de opressão, mas tomadas de coragem, foram elas as principais responsáveis pelos avanços no campo social e pela conquista dos direitos civis, hoje desfrutados pela grande maioria. Assumiram a vanguarda e há 120 anos alcançaram o acesso à educação formal, há 66 anos o direito ao voto e há 12 anos a igualdade plena na Constituição brasileira (SCHUMACHER, 2000, p. 10).

Como se vê, são mulheres que fazem a história com a capacidade de, enquanto personagem, representar a condição feminina

típica em seu tempo e meio social nos variados períodos históricos: a mulher indígena, a mulher negra e a mulher branca. Cada uma delas apresentada nessa produção bibliográfica está como, desde educadora, jornalista, artista plástica, aviadora, política e advogada à líder espiritual, poetisa, abolicionista, colonizadora, cientista e tantas outras atividades profissionais na história desse país.

Ainda queremos lembrar tantas mulheres que, silenciosamente, ainda não foram reconhecidas pela história. Muitas vezes, são anônimas até da sua própria vida. Tantas são aquelas quietas e, como mulheres do povo, nem sabem que existem. Mulheres que vivem na miséria e na exploração assumindo formas de extrema desumanidade. Com uma condição subumana de vida, também essas mulheres estão no seu fazer teológico ajudadas pelo fazer teológico de outras. Outras que intuitivamente são capazes de confirmar sua fé na experiência de fé de outras. A função da mulher na América Latina, no Brasil e, em especial, no Nordeste é uma função de trajetória cultural no fazer teológico.

Apesar da condição feminina lentamente evoluir na linha da história, no fazer teológico, a vivência real e concreta está caminhando com passos mais largos. Podemos encontrar, fazendo Teologia, mulheres de diferentes atividades: as mulheres do povo, as religiosas, as catequistas, as teólogas, etc.; no entanto, a multiplicidade e a variedade desse fazer teológico torna-se comum na vivência, na partilha e no exercício. Todas elas realizam, com eficácia, esse novo jeito de fazer Teologia, apesar da cultura machista que está ao seu redor.

A vida e o cotidiano das mulheres é de desafios e de conquistas. As muitas facetas reveladas por elas devem estimular-nos ao compromisso e à esperança de refazer e de recriar o jeito novo da caminhada humana como homem ou como mulher. Cabe-nos refletir com Nancy Pearcey (2006, p. 366): Não podemos entender a mudança no papel das mulheres, ao menos que ao mesmo tempo consideremos a mudança no papel dos homens.

A mulher fazendo Teologia é a mulher a serviço da vida. Não simplesmente por uma luta de classes, mas, principalmente, pela necessidade de não tratar a injustiça como caso meramente individual. A percepção autêntica sobre a dignidade e humanização da mulher recebe da Teologia o despertar da consciência no contexto histórico

“daquela mulher marginalizada”. Uma mulher que precisa das ações concretas humanas para entender sua fé e por isso vivê-la.

Com a mulher fazendo Teologia, buscam-se novas formas de intervenções na vida de mulheres, impulsionando-as ao reorganizar e ao repensar de uma sociedade que seja de inclusão e que leve mulheres e homens ao verdadeiro sentido da vida. Rever a historiografia sobre a mulher e adentrar nas investigações sérias é trazer à tona a importância do tema Mulher. Que a mensagem do amor e do discurso igualitário possa unir fé e prática à promoção humana e cristã da mulher, ajudando-a a sair de situações de marginalizações para assumir sua identidade feminina. Que a discussão sobre tantos assuntos partilhados no tema central “A mulher fazendo Teologia” possa sugerir a emergência de novas posições sobre as questões femininas e a inserção da mulher numa sociedade de respeito ao processo de fixação das identidades de gênero.

Referências

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola 2000.

BOFF, Leonardo. **O despertar da água:** o diabólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A força da ternura:** pensamentos para um mundo igualitário, solidário, pleno e amoroso. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

DOCUMENTO de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino – Americano e do Caribe. CELAM: Paulus, 2007.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio:** uma fenomenologia feminista do mal; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Trindade:** palavra sobre coisas velhas e novas: uma perspectiva ecofeminista. São Paulo: Paulinas, 1994. (Coleção Muher: tema atual).

____. **Teologia em ritmo de mulher.** São Paulo: Paulinas, 1994.
(Coleção mulher: tema atual).

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta:** liberando o cristianismo de seu cativeiro cultural. Trad. de Luis Arom. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SCHUMAHER, Schuma – **Brazil, Erico Vital.** Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

STACCONI, Giuseppe. **Teologia para o homem crítico.** Petrópolis: Vozes, 1984.